

A Lenda do Boto: mais um "causo" amazônico

Rosa Assis

Doutora em Língua Portuguesa e professora do Departamento de Língua e Literatura da Universidade da Amazônia

Antes de iniciarmos nossa leitura de **A Lenda do Boto**, intencionalmente transcrevemos o poema na sua íntegra para que se tome contato direto com o que

o poeta criou. A nosso ver, isso poderá auxiliar o aluno na complementação dessa leitura, ou na busca de uma nova, sua própria e singular visão do texto.

A Lenda do Boto

*Quando boto virou gente
Pra dançar num puxirum,
Quando boto virou gente
Pra dançar num puxirum,
Trouxe o "olho", trouxe a "flecha",
Trouxe até muiiraquitã.
E dançou a noite inteira
Com a bela cunhantã*

*Um grande mistério na roça se faz:
fugiu cunhantã com belo rapaz!...
... E o Boto, ligeiro, nas ondas sumiu,
Deixando a cabocla na beira do rio...*

*Se alguém lhe pergunta:
"Quem foi teu amô?" **Bis**
Cabocla responde:
Foi Boto, sinhô!*

O paraense Wilson Fonseca já nasceu em Santarém (1912 -) envolvido de harmonia e embalado pelo mais diversos instrumentos artísticos, já que seu pai era mestre de banda. Isso, por certo, pode até justificar a sua familiaridade desde cedo com a música.

O gosto e a paixão pela música fizeram de Izoca (apelido carinhoso com que é conhecido entre seus familiares e amigos) um nome respeitado e reconhecido entre os estudiosos não só da música paraense como da brasileira.

Esse compositor e regente explorou os mais variados gêneros musicais, como a valsa, o tango, a canção, a modinha, a toada sem contar a sua respeitável música de cunho religioso.

Da mesma forma se valeu da criação de diversificados arranjos musicais, passando pelos mais simples (se é que assim se pode dizer) até os provenientes dos mais complexos instrumentos. Com todos eles demonstrou maestria, fato que logo se percebe pela sua sensibilidade e acuidade para a percepção dos sons, a exemplo dos recursos sonoros

explorados pelo sistema rímico de seus versos.

Dentre as composições poéticas de Wilson Fonseca escolhemos para fazer uma leitura a **Lenda do Boto**, por serem letra e música de sua autoria. Letra e música, enfatizemos, parecem refletir um dom, ou melhor, um tom exato para cada passo e compasso daquilo que o compositor faz. É, como se este estivesse impulsionado pela e para a música, tanto que ainda hoje esta é parte obrigatória de seu cotidiano.

No trabalho intitulado *Recital dos 80 anos*; um ensaio sobre o perfil e a música de Wilson Fonseca, José Wilson Malheiros da Fonseca discorre sobre os arranjos da **Lenda do Boto** feito pelo compositor (p 48). Nesse mesmo trabalho, o autor tece algumas considerações sobre um dos possíveis significados das expressões: *Trouxe o "olho", trouxe a "flecha", / Trouxe até muraquitã.*, dentre outras passagens que também procura interpretar ao longo do texto.

Feitas essas considerações à **Lenda do Boto**, passemos a estudar mais especificamente a letra, enquanto registro e documento de parte do folclore amazônico, com seus encantos e com a lenda que tem fascinado muitos estudiosos da região amazônica. O objetivo da leitura é o de, didaticamente, fazer com que o alunado volte também sua atenção para a importância de se estudar nossas raízes culturais com a finalidade de impedir não o desenvolvimento da língua (o que seria impossível), mas resgatar o que ainda resta de nosso passado.

Lenda do Boto é uma bela composição embalada pelo som que faz lembrar o das toadas, uma vez que em seus versos há a presença do tom melancólico e sentimental que caracteriza esse tipo de composição na qual o sistema rímico sugere, inclusive, a musicalidade adequada, além do próprio sistema sonoro criado pelo poeta, conforme nos sugerem os versos abaixo:

*Um grande mistério na roça se faz:
fugiu cunhantã com belo rapaz!...
... E o Boto, ligeiro, nas ondas sumiu,
Deixando a cabocla na beira do rio...*

Nesta **Lenda do Boto** (como em qualquer referência às histórias fantásticas ligadas ao peixe-boto) quando o amor aflora, este parece falar mais alto, ou melhor cantar e encantar os personagens, encantar que se transmite de modo diferente, é claro, aos ouvintes. O encanto, correspondente à sedução amorosa, também pode caracterizar a letra da toada, em especial, a da toada cabocla, de vez que logo no início da primeira estrofe Wilson Fonseca junta três fortes elementos utilizados pelos curandeiros da Amazônia para trabalhos especiais - *olho, flecha e muraquitã* - e os coloca à disposição do *belo rapaz*

para fazer com que a cabocla se deixe por ele cativar, para, em seguida arrebatá-la consigo. Conforme se constata desde o início do texto, o elemento marcante na composição é o Boto, conhecido no interior paraense como uma figura mágica, mítica, uma espécie de D. Juan regional, ou como afirma Machado Coelho em *O feitiço na literatura, na arte, na vida* (Imprensa Universitária do Pará, 1963, p 88) - esse "terrível Don Juan da beira d'água" - um enfeitiçador das mulheres. É introduzido no poema, já personificado, dançando *num puxirum*, isto é, certamente num espaço (numa casa?) em que os lavradores após concluir em conjunto um trabalho grátis em proveito de um só, reuniram-se para comemorar com uma festa, cujas despesas ficam por conta do beneficiado. Transcrevemos o que diz o poeta e confirmemos a explicação acima: *Quando boto virou gente / Pra dançar num puxirum.* É importante ressaltar que para o ouvinte nativo da Amazônia, falar em boto, já é penetrar nos mistérios de nossas matas, e caminhar por meio de fantasias, de magias que se transformam em "realidade", quando *vividas* por aqueles que nelas se envolvem, como se deprecende no início e ao longo da leitura do texto.

Na letra do poema, o nosso boto é poetizado como um belo rapaz, quem sabe sensual, atraente, além de seu poder de sedução, junto às mocinhas, ou melhor, as *cunhantãs*, (do tupi *Kuñã'tain*, 'mulher adolescente'; var. de *cunhantaim*) - (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 510) que habitam as regiões ribeirinhas?, expressão que permitiu a Wilson Fonseca criar uma singular expressão estilística. Ao invés de utilizar a forma ditada pela língua, o feminino - *bela moça* -, em oposição a *belo rapaz*, prefere empregar *bela cunhantã*. Com isso, o poeta possibilita o ouvinte observar a identidade do falar regional mantido no texto, inclusive com seus termos indígenas, falar, hoje, em grande parte aculturado. Além desse exemplo, há outros que o poeta registra e que o leitor facilmente identifica.

Outro fato importante a registrar é a forma de tratar o curso dos segundos, minutos, dias, ..., pois não se sabe quanto tempo durou o desaparecimento da jovem. Fica ao leitor a incumbência de imaginar a duração temporal. O que se pode constatar é que a fuga, envolvida em mistério, durou o tempo suficiente para que a notícia fosse divulgada a todos os moradores da localidade. Constitui também mistério o reaparecimento da moça *à beira do rio*, assim como o sumiço do boto no meio das águas, sumiço presenciado pelo eu lírico do texto: *... E o Boto, ligeiro, nas ondas sumiu.*

Antes de finalizar essa leitura,

intencionalmente tecerei algumas considerações, mescladas com exemplos retirados do próprio texto que, embora já bastante estudadas, auxiliarão àqueles que ainda desconhecem os mistérios de nossos seres fantásticos, como é o caso do boto. Este ser é tão sedutor quanto conversador, diríamos “prosista”, e talvez, por isso mesmo, o povo de nosso interior goste e se sintam bem só em falar sobre as histórias do boto. Inúmeras e diversificadas são as suas façanhas, conforme documenta o longo verbete que Câmara Cascudo abre só para relatar os casos, já “ouvidos” ou “vividos” por quem neles acredita, ou melhor, “precisa” acreditar. (CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1980. p 140). São comuns também as alusões feitas aos “filhos dos botos” espalhados pelo interior do Pará. Basta que para isso, a moça solteira, “emprenhada” não possa ou não queira revelar seu parceiro, ou ainda, quando, de forma natural e simpática alega que o boto é o responsável pela criança que não tem os traços de seu suposto pai - Assim, melancolicamente(?) e sonoramente responde a pergunta que alguém lhe faz: - é do boto sinhô, é do boto sinhá. - E, ao final, este “causo” também se encerra na casa da família ou na beira do rio, segundo nos dizem também os versos de Wilson Fonseca.

Se alguém lhe pergunta:

“Quem foi teu amô?”

Cabocla responde:

Foi Boto, sinhô!

Como se isso não bastasse, Wilson Fonseca não se contentou apenas em explorar a figura do boto, mas escolheu com muita propriedade, as palavras para escrever essa poesia-musical, pois na sua quase totalidade são termos ou expressões da literatura lendária da nossa amazônia, do nosso caboclo. Assim, se o boto é dançador, e gosta de festas, não é de se estranhar que ele se encontrasse num “puxirum” - *Quando boto virou gente / Pra dançar num puxirum*, - pois este termo não significa apenas a reunião de pessoas para ajudar um trabalho de outra, conforme mencionamos acima, porém é mais um pretexto, no interior do estado, para organizarem-se festas, ladainhas, danças. (ASSIS, Rosa. O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir. Belém: UFPA, 1992. p 158).

Além disso, lá está o “olho” do boto - que, conforme diz a crença popular, quando seco e “preparado”, é um amuleto de grande poder e força para se conquistar a amada, desde que colocado ao lado dela. Mas não vem apenas o “olho”, vem também a “flecha”, simbolizando a presença do cupido, (com sua arma mortal, fatal), para fortalecer

ainda mais o poder do sedutor. Nessa busca de “coisa” amorosa e sedutora, Izoca utiliza, repito, o muiraquitã, que, como se sabe, é um amuleto indígena, que também se acredita portador de felicidade. É encontrado no Baixo Amazonas, especialmente nos arredores de Óbidos e nas praias, entre as fozes dos rios Nhamundá e Tapajós. (CASCUDO, Câmara. op. cit. p 509).



Trouxe até muiraquitã.

O fato é que desse golfinho do Amazonas ainda tem muito para se dizer e Wilson Fonseca é dum desses exemplos, pois conta mais um “causo”, criando outra variante da lenda paraense. E não é só do peixe-boto que se tem a falar, mas do folclore amazônico de modo geral, pois toda vez que este se oferece aos estudiosos, traz consigo algo ainda a ser mais esclarecido, mais analisado, mais pesquisado em suas raízes bem profundas, e sobretudo mais poetizado, como o fez o poeta santareno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Música de feitiçaria no Brasil*. São Paulo: Martins, 1963.
- _____. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1962.
- ASSIS, Rosa. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA, 1992.
- CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- COELHO, Inocêncio Machado. *O feitiço na literatura, na arte, na vida*. Belém: Imprensa Oficial, 1963.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FONSECA, Wilson. *Obra musical de Wilson Fonseca; valsas, modinhas, toadas, tangos, canções*. Santarém: Imprensa Oficial, 1984. III vol.
- FONSECA, José Wilson M. *Recital dos 80 anos; um ensaio sobre o perfil e a música de Wilson Fonseca*. Belém: Imprensa Oficial, 1992.
- SALLES, Vicente. *Música e músicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

Obra Musical de Wilson Fonseca

I VOLUME

CORAL

Santarém - Pará